

THE X-FILES

12x5

"Carro de Palhaço"

Escrito por

Stephen Lovins

Tradução

Isadora Amoras

TEASER

FADE IN

CENA 1

INT. CONSULTÓRIO DO TERAPEUTA - DIA

Um TERAPEUTA DESALINHADO e CANSADO está sentado numa poltrona de couro de espaldar alto fazendo anotações, enquanto o paciente, fora de quadro, lamenta seus problemas.

PACIENTE (OFF)

Não sei, doutor. É que parece que tudo está caindo em cima de mim, entende?

O terapeuta, DR. SANDBERG, faz que sim com a cabeça, tanto compreendendo quanto entediado.

DR. SANDBERG

Esse é um sentimento extremamente comum.

PACIENTE

Sim, doutor, mas...
(o corte de câmera revela que o paciente é uma pessoa vestida de palhaço)
É que caiu em cima de mim de verdade dessa vez.

O paciente usa um crachá tamanho gigante escrito PALHAÇO CULOTES. O nome se deve à calça dele ser bufante e grande demais, mesmo para um palhaço. Culotes é um palhaço tradicional, de cara branca, com roupas e peruca muito coloridas e um nariz vermelho. Mas ele refez a maquiagem para enfatizar que está triste, parecendo mais um palhaço vagabundo. (mais sobre isso depois).

CULOTES

Quero dizer que caiu literalmente. Estávamos tirando os suportes do chão para desarmar a tenda, e desabou tudo em cima de mim. Realmente poético. Ninguém mais liga para circo. Nada de emprego ou perspectivas. Vou te falar, cara, não gaste nenhum dinheiro com faculdade para ser palhaço, essa graduação não dá em nada.

Dr. Sandberg olha a hora e interrompe Culotes.

DR. SANDBERG

Infelizmente, o nosso tempo acabou. Acho que é bom aumentar a dosagem da Sertralina. Vou enviar a prescrição para a sua farmácia.

CULOTES

Na verdade, doutor, será que o senhor pode me dar a receita? É que eu vou me mudar, vamos dizer assim. Não sei em qual farmácia vou comprar.

DR. SANDBERG

Vai se mudar? Então você não vem semana que vem no mesmo horário?

CULOTES

Não. Eu deveria ter dito, mas esta é a minha última consulta. Fui despejado, não tenho família aqui, então vou pegar a estrada. Estou tentando encontrar um lugar no Oregon que é tipo a Shangrilá para palhaços e gente de circo.

DR. SANDBERG

É, eu soube que Portland é muito agradável. Boa sorte na sua aventura!

Culotes murmura um "obrigado" enquanto o dr. Sandberg prescreve a receita e a arranca do bloco de notas. Os dois apertam as mãos e Culotes vai embora com a receita. Já perto da porta, o dr. Sandberg se lembra de uma coisa.

DR. SANDBERG

Sabe, você nunca me disse seu nome verdadeiro. Você sempre usou o seu nome... artístico.

CULOTES

É o meu nome verdadeiro. Obrigado por tudo, doutor. Vou deixar o cheque na mesa.

Culotes sai rapidamente do consultório, passando por uma placa perto da saída que diz claramente que o consultório não aceita cheque como pagamento.

O dr. Sandberg observa da janela quando Culotes entra no carro vermelho minúsculo e sai dirigindo, com o escapamento deixando uma nuvem de fumaça pelo estacionamento.

CENA 2

EXT. INTERESTADUAL NOROESTE - NOITE

Culotes dirige o carro por uma estrada esburacada e irregular. A maior parte de tudo que ele possui na vida está sendo lavada no teto do carro ou no banco do passageiro. Uma leve chuva cai no para-brisa com uma névoa pesada, tornando a visibilidade quase impossível.

CULOTES

Acho que é hora de parar para fumar.

Através da neblina surge o brilho fraco de um letreiro de néon; um posto de gasolina emergindo do nevoeiro. Culotes para e estaciona no posto decadente. A loja do posto já está fechada, apenas as bombas de gasolina de autoatendimento estão funcionando.

Culotes tira um maço de cigarros do bolso caminhando para longe do posto de gasolina em direção à linha de árvores de uma área arborizada atrás do prédio. Ele dá uma longa tragada no cigarro, soltando a fumaça com um suspiro. Ele murmura desanimado, tentando ao máximo dar um apoio moral a si mesmo.

CULOTES

Bom, pelo menos você tentou, certo? Você foi atrás do sonho, ainda está sóbrio...

A imagem CORTA para o teto do carro. Um dos muitos itens presos ao teto é uma marreta de madeira gigante, do tipo que é comumente vista em circos e outras atrações. A câmera enquadra numa mão enluvada que solta a marreta.

A imagem corta para o ponto de vista de Culotes sendo observado por trás. Ele ainda está murmurando para si mesmo e terminando de fumar, alheio ao perigo atrás dele. Ele joga a bituca de cigarro no chão e a amassa com o pé. Só então percebe que algo está errado...

Ele se vira e mal solta um ganido quando a silhueta do assassino balança a enorme marreta e o acerta bem no queixo. Culotes cai no chão. A câmera CORTA para o ponto de vista do assassino olhando de cima para Culotes, que cospe alguns dentes e sangue antes de começar a implorar misericórdia, mas é tarde demais.

CORTA para uma tomada ao nível do chão. Os sapatos vermelhos gigantes de Culotes em primeiro plano, apontados para o céu. O assassino está fora de quadro, onde não pode ser visto. Há um som do assassino fazendo esforço para levantar a marreta pesada, que ele joga na cabeça de Culotes. O impacto provoca um barulhinho engraçado no nariz vermelho de palhaço que Culotes está usando e faz as pernas dele sacudirem.

Mas o assassino ainda não terminou. Ele ergue a marreta e golpeia de novo o crânio do palhaço, causando outro barulho engraçado do nariz.

O assassino balança a marreta e golpeia a cabeça dele diversas vezes, parando na quinta vez por exaustão. Agora o barulhinho engraçado do nariz virou um ruído lamentável e quase inaudível.

O ângulo não mostra a imagem explícita, apenas uma poça de sangue se formando ao fundo e os pés de Culotes tendo espasmos diante da câmera. A imagem vai se afastando lentamente, e os pés do assassino aparecem em cena. Ele larga a marreta ensanguentada no chão ao lado dos pés e também uma flor gigante, daquelas de mentira que os palhaços usam na lapela e que espirram água.

O assassino caminha para fora do enquadramento e a câmera focaliza na flor.

FADE OUT.

FIM DO TEASER

PRIMEIRO BLOCO

FADE IN.

CENA 3

EXT. POSTO DE GASOLINA - MANHÃ

A câmera focaliza de cima o cadáver do palhaço Culotes, passando do peito aos pés dele e abrindo a imagem para mostrar alguns policiais de ronda monitorando a cena do crime isolada com fitas, e MULDER e SCULLY se aproximando. Scully se ajoelha para examinar a carnificina. Mulder olha para o corpo e depois para o céu, mordendo de leve os lábios. Ele não está incomodado com o sangue e o horror, só está tentando conter alguma coisa, mas não consegue.

MULDER

Bem, Scully, acho que posso afirmar que, ao menos dessa vez, este cara não estava de palhaçada.

Scully olha para ele com puro desdém.

SCULLY

Este caso vai ser puramente isso, Mulder? Piadas de palhaço?

MULDER

Dá um tempo, Scully, fiquei esperando toda a minha carreira cômica por um momento como este.
(ele pausa, ainda rindo)
E aí, Scully, alguma teoria para a causa da morte?

Ela suspira profundamente e se levanta. À distância, um dos policiais é visto discutindo com um homem e uma mulher com os rosto pintados de palhaço. As roupas deles são uma pouco mais profissionais do que a maquiagem. Eles parecem uma versão distorcida de Mulder e Scully; uma mistura de investigadores e personagens de quadrinhos.

O policial finalmente cede, e o trio se aproxima de Mulder e Scully. O palhaço fala em tom agressivo. Ele mostra um distintivo, revelando que é algum investigador. Mulder ainda está se divertindo consigo mesmo.

MULDER

Parece que o Kersh finalmente encontrou os nossos substitutos, Scully.

O palhaço fala em tom agressivo.

DETETIVE 1

Engraçadinho. Garanto a você que não tem nada de engraçado aqui.

A câmera CORTA para uma tomada de rosto dos dois palhaços. Sim, tem algo muito engraçado aqui. O homem usa maquiagem clássica do palhaço vagabundo, com lágrimas falsas nas bochechas e uma carranca pintada. A mulher não fala, mas tem um jeito de ser que parece totalmente maníaco. A maquiagem dela é branca e mais simples, usa um chapéu típico de palhaço com guizos pendurados. A roupa dela parece mais de um deslumbrante arlequim, até com luvas incrustadas de pedras preciosas. À primeira vista, ela parece tão amigável quanto um palhaço de festa de aniversário, mas tem algo claramente errado com ela.

MULDER

Claro...

O policial apresenta os dois palhaços.

POLICIAL

Estes dois são detetives particulares. Eles trabalham na região ajudando todo esse... pessoal de circo no que eles precisam.

DETETIVE 1

Nós trabalhamos em casos como este nesta cidade nos últimos anos, quando a polícia loca nos deixa fazer o nosso trabalho.

SCULLY

E vocês são?

DETETIVE MALLOY

Sou o detetive particular Stanley Malloy, totalmente habilitado. Esta aqui é minha parceira, Razzles.

Razzles dá uma examinada em Scully. Scully está visivelmente desconfortável.

MULDER

Você disse "casos como este". Houve outros assassinatos?

DETETIVE MALLOY

Com essa habilidade investigativa você deve ser do FBI. Desde quando os federais decidiram que se importam com a comunidade de palhaços?

MULDER

A agente Scully e eu já estávamos na região investigando relatos de palhaços importunando cidadãos aqui nos arredores.

DETETIVE MALLOY

Isso é absurdo! Não houve importunação *nenhuma*! Muitos de nós moramos nesta região. O estado tinha 12 circos em 15 municípios. Então não é porque somos palhaços que não somos pessoas. Os malucos que chamam a polícia quando veem um palhaço andando pela rua não são diferentes da mulher branca que chama a polícia porque um negro teve a audácia de correr no parque local.

SCULLY

Você está comparando a adversidade enfrentada por artistas de circo ao racismo sistemático?

DETETIVE MALLOY

Não sei se eu diria "comparando", mas discriminação é discriminação. Além disso, não foi nenhum palhaço que esmagou a cabeça desse cara.

MULDER

As suas investigações deram algum resultado ou levaram a prisões?

DETETIVE MALLOY

Não me leve a mal, rapaz do governo, mas não sei se quero compartilhar informações com você.

SCULLY

Bom, não temos problema nenhum em conduzir nossa própria investigação deste homicídio, detetive.

Ela fala "detetive" com uma pontinha de desdém.

DETETIVE MALLOY

Boa sorte com isso. A nossa comunidade é bastante reservada, por razões óbvias.

(ele aponta para o corpo no chão)

Então divirtam-se tentando convencer alguém a falar com vocês.

MULDER

Talvez devêssemos ajudar uns aos outros.

Scully e Razzles se mostram confusas à sugestão de uma suposta parceria.

DETETIVE MALLOY

E por que nos interessaríamos por essa situação de "uma mão lava a outra"?

MULDER

Bom, podemos compartilhar recursos. Vocês têm um conhecimento ímpar da comunidade em questão, provavelmente têm contatos, boa vontade e afins. Nós temos acesso a laboratórios de criminalística, obtenção de impressões digitais e DNA, bases de dados federais etc. Além disso... somos do FBI, cara.

Malloy reflete por um instante.

DETETIVE MALLOY

Vão ao nosso escritório amanhã de manhã. Discutiremos os termos dessa... parceria.

Ele entrega um cartão a Mulder e os dois vão embora. Razzles está visivelmente irritada com Malloy. Scully se vira, visivelmente irritada com Mulder.

SCULLY

Vimos investigar esses avistamentos de palhaços e a possível ligação com um culto, e você quer transformá-la num filme de parceria policial com eles dois?

MULDER

Claro, estou pronto para levantar a lona.

CENA 4

INT. QUARTO DE HOTEL DE ESTRADA - NOITE

Scully está sentada na cama do hotel de pernas cruzadas, olhando fotos da cena do crime. Ela está devorando um taco estilo fast food, com os papéis de embrulho da comida jogados na ponta da cama. Mulder não está à vista, mas dá para ouvir o som de movimento e água corrente vindo pela porta do banheiro que está aberta ao fundo.

SCULLY

Sabe, falam tanto que o Oregon tem uma das melhores comidas do país. Agora estamos aqui, não muito longe de Portland, e a melhor comida que tem é um Taco Bell?

Apesar da reclamação, ela dá outra grande mordida, tipo de grávida comendo por dois.

MULDER (OFF)

Não sei você, Scully, mas eu prefiro um prato de tortilla dupla, tripla, quádrupla com bacon frito do Taco Bell a algum restaurante vegano comandado por um cara chamado Stone em qualquer situação.

Scully olha para a porta do banheiro intrigada.

SCULLY

Mulder, o que você está fazendo aí há 20 minutos?

Ela se levanta da cama, vai até a porta do banheiro e a abre. Scully resmunga e balança a cabeça negativamente para o que vê.

SCULLY

Mulder, eu preferiria ter encontrado você usando um vestido meu a ver isto.

A câmera CORTA para Mulder ao espelho com o rosto com uma maquiagem malfeita de palhaço.

MULDER

Qual o problema? Fiquei curioso. Estou tentando encontrar meu "palhaço interior".

SCULLY

Ser um fantoche do governo não basta para você?

Ela sai do banheiro e volta para a cama. Mulder, admitindo a derrota, começa a tirar a maquiagem com uma toalha e também se dirige à cama.

MULDER

Sério, esse é um elemento de quem é palhaço que eu acho fascinante. Eles não apenas se encaixam num estereótipo por si só, a maquiagem que usam e como a usam é uma expressão da individualidade e do estado de espírito deles. Depois da prisão de John Wayne Gacy, muitos palhaços declararam publicamente que a profundidade das psicoses dele estava óbvia na pintura de rosto que ele usava. Eu mesmo não entendo exatamente todas as complexidades sutis.

SCULLY

Bom, eu duvido que você vá entender a profundidade do expressionismo palhaço usando maquiagem barata que eu *suponho* que você comprou na farmácia aqui em frente enquanto eu estava no banho.

(pausa)

Sei que esse caso é tão importante quanto qualquer outro, que pessoas morreram, mas é que está parecendo... um caso comum.

Ela se recosta numa pilha enorme de travesseiros, Mulder está ao lado dela.

MULDER

Um sinal dos tempos, talvez.

SCULLY

Talvez. Para eles, costumava ser a era dos grandes circos, viajar o país para divertir milhares de pessoas. Para nós... quando começamos, quando eu era muito mais jovem, parecia que eu não ligava para o absurdo. Agora não consigo nem achar graça em desperdiçar minha velhice em alguma farsa.

MULDER

Sei lá, Scully, a vida não é realmente só uma farsa?

SCULLY

Ah, não seja tão absurdista, Mulder, deve ter milhares de coisas que você leva a sério e considera importante.

MULDER

Só você.

Scully dá a ele um olhar de dor pela declaração doce e triste que ele acabou de fazer. Antes que a conversa possa continuar, eles ouvem uma batida forte na porta.

Mulder vai abrir e encontra uma caixinha embrulhada para presente diante da porta, amarrada com um lacinho e um balão minúsculo preso a ela. Scully chega por trás quando ele pega o pacote e começa a desfazer o laço.

SCULLY

Bom, com certeza este é um bom sinal.

Desconfortável, ela aperta o casaco que está usando. Mulder finalmente abre a caixa revelando um dedo humano dentro.

MULDER

Uh-oh.

FADE OUT.

FIM DO PRIMEIRO BLOCO

BLOCO DOIS

FADE IN

CENA 5

INT. ESCRITÓRIO DE MALLOY - MANHÃ

Mulder e Scully chegam ao escritório dos detetives particulares. A porta é daquele clássico vidro fosco, e nela está gravado com uma fonte exagerada tipo de circo "Razzle e Dazzle Artes Performáticas". Abaixo dessa inscrição, numa fonte bem mais grosseira, lê-se "Serviços de Investigação Particular".

MULDER

Tudo que você procura num só lugar.

Eles tocam a antiga campainha. A porta abre devagar e mostra que Razzles está plantando uma bananeira e abrindo a porta com os pés. Depois que a porta abre toda, ela dá uma cambalhota até a mesa principal do escritório, onde Malloy está sentado.

MULDER

Baita jeito de dizer bom dia!

DETETIVE MALLOY

Vamos começar. Tem café ali no canto.

Mulder e Scully se sentam em duas cadeiras de escritório velhas e bambas diante da enorme mesa.

SCULLY

Bem, para começar, inserimos as digitais da vítima mais recente em todos os bancos de dados aos quais temos acesso e...

DETETIVE MALLOY

Não vão encontrá-lo. O típico palhaço de festa de aniversário tem uma vida comum, usa o nome legal, talvez até tenha um emprego diurno. Mas o Palhaço Culotes era um cara do Circo Big Top no auge dele, o tipo de artista que vivia a vida de palhaço na forma mais profunda.

MULDER

Palhaços não têm empregos diurnos também,
(MAIS)

não têm identidade, não pedem empréstimo no banco, essas coisas?

DETETIVE MALLOY

Você vê ciganos pagando as compras com um cartão American Express Gold Club? Não, eles são nômades, vivem fora do sistema. Os palhaços mais hardcore e os artistas de circo são a mesma coisa; as comunidades são muito unidas, como famílias. Passam mais de 300 dias por ano na estrada. A maioria nem tem casas, no sentido mais estrito. Mas é aí que nós entramos.

Malloy coloca uma pasta fina na mesa. Mulder pega e começa a examiná-la.

DETETIVE MALLOY

O nome da vítima, o de batismo, vamos chamar assim, era Franklin Rhea. Nasceu em Seattle em 1983. Eu não conhecia o cara pessoalmente, mas conheci a mãe dele por um tempo na minha época. Liguei para ela ontem à noite e dei a notícia. Ela vai chegar aqui hoje à noite. O funeral será amanhã à tarde.

SCULLY

Temos que estar lá. Se o assassino for audacioso, talvez apareça. Você disse que teve outra vítima?

Razzles olha fixamente para Scully, aparentemente fascinada pelo cabelo ruivo.

SCULLY (para Malloy)

Ela fala?

RAZZLES (com aspereza)

Nunca.

Malloy pega outra pasta um pouco maior. Mulder a examina. Nela há recortes de jornal, reportagens datilografadas etc.

DETETIVE MALLOY

Olhando superficialmente, parece uma forção de barra. Esse homicídio aconteceu há mais de cinco anos e a cerca de uma hora e meia ao sul daqui.

(MAIS)

Outro palhaço, apesar de que esse era mais famoso. Claro que os circos estavam mais ativos na época. O nome verdadeiro dele era Stanton Smithfield, nativo do Oregon. A carreira dele começou nos anos 1960. O homem era uma lenda naquele tempo, na era Woodstock. Quando ele morreu, já não era tanto.

MULDER

Qual a causa da morte?

DETETIVE MALLOY

O assassino o degolou de orelha a orelha.

SCULLY

E por que você tem Certeza de que os casos estão ligados?

DETETIVE MALLOY

Por isto...

Ele põe na mesa a foto de uma grande flor branca ao lado do corpo da primeira vítima. Idêntica à do local do crime mais recente.

DETETIVE MALLOY

A polícia ignorou completamente o homicídio de Smithfield. Fez o mínimo que podia, embora muitos de nós tenhamos oferecido ajuda. Sabe, o circo não é diferente de nenhuma outra comunidade unida, seja a Igreja ou militares. Acontecem coisas, agressões, estupros, abuso... Tudo é varrido para baixo do tapete e escondido. Foi por esse homicídio que abri esta agência com a Razzles aqui.

SCULLY

E você tem alguma pista?

DETETIVE MALLOY

Tenho algumas ideias, claro, mas nada que eu possa apontar o dedo.

MULDER

Engraçado você dizer isso, porque algum entregador adorável

(MAIS)

Deixou um dedo humano numa Caixa em frente à nossa porta ontem à noite.

Malloy parece se animar ao ouvir isso.

DETETIVE MALLOY

Não diga. Bom, isso reduz um pouco a lista. Razzles, pegue seu casaco. Agentes, vamos seguir nossa primeira pista.

CENA 6

INT. CARRO DE MALLOY - DIA

Malloy está ao volante com Mulder apertado ao lado dele no carro minúsculo. Razzles e Scully estão no banco de trás. Razzles está lambendo um pirulito absurdamente grande. Ela percebe que Scully a olha incomodada e oferece uma lambida do pirulito só para provocar um pouco mais. Scully tenta ser o mais educada possível ao recusar com a cabeça.

DETETIVE MALLOY

Estamos de olho nesse cara há um tempo. Ele se chama Fred Coogan. Quer falar de circo? O cara serviu no Afeganistão e teve as pernas arrancadas por um artefato explosivo improvisado. Quando ele voltou pra casa, compreensivelmente, estava um pouco traumatizado.

MULDER

E aí ele foi trabalhar como palhaço para se expressar?

DETETIVE MALLOY

Exatamente isso. E não me leve a mal, por mais que a gente seja uma comunidade isolada, quando vemos um cara necessitado que só quer se expressar, nós o deixamos fazer o que ele quiser.

SCULLY

Parece que "fazer o que quiser" não deu acabou muito bem.

DETETIVE MALLOY

Não mesmo. O estilo do cara não era realmente o de palhaço, nem mesmo o daqueles bobos da corte antiquados. Estava mais para arte performática,

(MAIS)

Só que as pessoas em Portland toleram arte performática. Mas o trabalho dele nunca realmente agradou ninguém. Nas apresentações, ele sempre declamava poesias beat sobre membros fantasma e esses tipos de coisa. Nada surpreendente, considerando que o cara é amputado, mas uma noite ele se meteu numa briga de bar com um palhaço de rodeio e arrancou um dedo cara com um canivete.

MULDER

Então temos um cara obcecado com membros perdidos e o costume de arrancar o dedo de pessoas com uma faca. Parece um bom lugar para começar.

O carro vai parando na entrada de um estacionamento de trailers, onde um grupo de 15 a 20 pessoas se reuniram carregando cartazes de protesto.

MULDER

O que é tudo isso?

DETETIVE MALLOY

Bom, os tais "avistamentos de palhaços" e as perturbações que vocês vieram investigar deixaram a cidade toda alvoroçada. Além disso, agora um palhaço foi brutalmente assassinado. As pessoas nos querem fora daqui.

SCULLY

Dá para culpá-las? Eu não me sentiria muito Segura se olhasse pela janela e visse um palhaço qualquer no quintal me observando.

DETETIVE MALLOY

Não sei exatamente quem está fazendo essas brincadeiras, mas, na minha opinião, é só para aliviar a pressão. Centenas de pessoas estão sem trabalhar aqui. Mesmo o assassino não é diferente de qualquer outro psicopata que se aproveitou da tensão pela pobreza e xenofobia de uma comunidade para realizar os piores desejos.

MULDER

Como Jack o Estripador?

DETETIVE MALLOY

Exatamente. E vou dizer uma coisa, aquele cara teria sido um *ótimo* palhaço.

Eles param em frente a um trailer bem precário com uma bandeira dos EUA pendurada do lado de fora e um rosto amarelo sorridente pintado nela.

MULDER

Deve ser aqui.

CENA 7

INT. TRAILER DE FRED COOGAN - DIA

Eles sobem uma rampa desgastada de cadeirante e batem à porta do trailer. Um som de voz resmungando vem de dentro.

FRED COOGAN (OFF)

Está aberta!

Malloy entra primeiro, seguido por Mulder e Scully e Razzles por último, agindo quase como se fosse a segurança do grupo.

Fred está numa cadeira de rodas em frente à TV. Ele tem um cigarro solto no canto da boca e o cabelo saindo pelas laterais da cabeça. Ele parece o Palhaço Krusty se Krusty estivesse enfrentando uma severa depressão. Porém, o detalhe é que Coogan não está usando nenhuma maquiagem.

FRED COOGAN

Puxa, poderiam ter me avisado que a velha dupla Razzle e Dazzle viria aqui, eu teria feito minha maquiagem. E trouxeram convidados.

DETETIVE MALLOY

É, Fred, eu trouxe. Estes são os agentes Mulder e Scully do FBI. E claro que você se lembra da Razzles da Razzle e Dazzle.

Ele aponta para a parceira, que se dirigiu até uma gaiola de passarinho na cozinha. Um saco de alpiste está ao lado da gaiola, e Razzle pega um punhado e abocanha como se fosse comida de humanos.

FRED COOGAN

Lembro. Vejo que ela continua charmosa como sempre. Qual foi? O prefeito trouxe os federais para reunir todos os outros palhaços que estão fazendo bagunça pela cidade? Eu soube que ele está pensando em fazer um grande pronunciamento público sobre a "crise" que a cidade está enfrentando com toda a histeria.

MULDER

Apesar de acharmos isso interessante, no momento estamos mais intrigados pelo palhaço que teve a cabeça esmagada ontem à noite próximo à rodovia interestadual.

FRED COOGAN

Nossa! Não ouvi falar.

RAZZLES

Bom, a imprensa não achou necessário divulgar.

DETETIVE MALLOY

Foi um cara chamado Franklin Rhea.

FRED COOGAN

Foi? Sim, eu conhecia o Frank. Pouco, mas conhecia. Ele e eu falamos numa escola de ensino fundamental sobre aceitação, bullying, essas coisas. Eu falei sobre o serviço militar e a reintegração à nossa "gentil" sociedade. O Frank era gay, então ele falou sobre essa coisa de ser maltratado por ser diferente. Tenho certeza de que o outro palhaço era negro, então deve ter falado sobre discriminação e tal. Para ser sincero, eu bebia muito naquela época. O Franklin também, pelo que me lembro.

DETETIVE MALLOY

E você pensa em alguém da comunidade que não gostava muito dele?

FRED COOGAN

Claro. Ele não era bem um palhaço. Nunca se enquadrou em nenhum dos circos ou com grandes artistas, apesar de ter tentado muito. Bom, mas eu também não.

(MAIS)

Ninguém termina fazendo esquetes para escolas se for o melhor no que faz, entende? Então as pessoas o julgavam. Da mesma forma que tenho certeza de que me julgavam pelo trabalho que eu fazia.

Scully nota Razzles resmungando.

RAZZLES

Assino embaixo.

MULDER

Eu soube que o seu trabalho cênico não agradava muito a comunidade tradicional de palhaços.

FRED COOGAN

Sim, isso mesmo! Isso porque a comunidade de palhaços dominante é exatamente isso: tradicional. É isso que o povo daqui não entende com essa "histeria", que ser um palhaço não é brincadeira. Aliás, é uma baita disciplina. Principalmente para os mais antigos, como aquele tal Smithfield, que morreu faz anos.

MULDER

Você conhecia Stanton Smithfield?

FRED COOGAN

Não exatamente. Só fui ouvir o cara falar uma vez quando saí do exército. Ele se orgulhava de ter frequentado a escola de palhaços Barnum e Bailey como se tivesse sido o melhor aluno de Harvard. Era um papo de que tipo de palhaço você é, como estilizar e interpretar a pintura facial, nossa, até o número certo de vezes que deve torcer o balão para fazer o formato de um cachorro salsicha. Esses palhaços das antigas são todos assim. Os protegidos deles também.

Coogan olha para Malloy e Razzles com uma pontada de ressentimento.

SCULLY

E o que você faz exatamente para essa comunidade tradicional ser tão hostil com o seu trabalho?

Coogan se remexe um pouco na cadeira resmungando. Um gato de estimação sobe no colo dele, e ele o acaricia com um olhar de melancolia.

FRED COOGAN

Sabe aquele seu amigo que se divorciou e de repente te convida para assistir o monólogo dele? Ou uma garota que você conhecia, que a mãe morreu, e do nada ela começa a te mostrar o canal dela no YouTube sobre dança interpretativa? O que aconteceu comigo foi quase a mesma coisa, só que no meu caso eu tive as pernas arrancadas num maldito deserto. Então nem preciso dizer que não dou a mínima para o que um bando de palhaços têm a dizer sobre o meu trabalho. O teatro da guerra, sim, era um teatro de verdade.

CENA 8

INT. QUATRO DE HOTEL DE ESTRADA- NOITE

Scully está sentada na beira da cama penteando o cabelo. Mulder está ao fundo da cena, escovando os dentes diante do espelho do banheiro.

SCULLY

Bom, acho que podemos concordar que ele não é o assassino.

MULDER

Por quê?

SCULLY

Mulder, ele está numa cadeira de rodas, posso te dar duas boas razões.

MULDER

Não sei, Scully. Ele é cadeirante, mas ainda é um cara que serviu no exército e chegou à patente de sargento de primeira classe,

(MAIS)

então com certeza ele é mais do que capaz de se cuidar, mesmo com a deficiência. Além disso, ele conhecia as duas vítimas, mesmo que superficialmente. Sem falar que ele mora no estacionamento de trailers onde morar a maior parte da população de palhaços daqui até Portland e até Seattle. Nós já investigamos comunidades circenses antes, mas aqui é praticamente a meca dos palhaços.

SCULLY

É que eu não vejo isso, Mulder. Parece que o pobre do homem só queria expressar a dor dele por meio da arte, e o resto da comunidade o enxotou. Até parece que estamos investigando uma escola de artes liberais.

MULDER

Mas é mais ou menos aí onde quero chegar, Scully. Se não foi ele especificamente, acho que foi alguém como ele. Alguém que se sente inseguro e ameaçado por essa comunidade e está atacando como um animal encurralado.

Uma voz fala na porta, alarmando Mulder e Scully.

DETETIVE MALLOY

Só que eles não estão encurralados.

Malloy está parado à porta do quarto, usando roupas mais casuais do que as que usa quando está de serviço, mas mantendo o rosto de palhaço. Fora do trabalho, Malloy parece menos intenso, quase como se fosse um comediante neurótico que cresceu ouvindo muito Woody Allen.

DETETIVE MALLOY

Eu não queria assustar vocês, mas... deixaram a porta aberta. Em primeiro lugar, quem faz isso? E eu bati devagar, mas vocês não ouviram. Vocês sempre ficam tão absortos assim quando estão monologando um para o outro?

SCULLY

Nem todos têm a sorte de ter parceiros que raramente falam.

MULDER

Como podemos ajudar, Stanley?

DETETIVE MALLOY

Como assim? Vocês têm essa coisa legal de se chamarem pelo sobrenome, e eu sou só Stanley?

MULDER

Como posso ajudar, detetive Malloy?

DETETIVE MALLOY

Bom, a primeira parte é um pouco constrangedora, mas eu estava vigiando ali fora há pouco mais de um hora para o caso do nosso amigo voltar com outro dedo. Repito: eu não deixaria a porta aberta. Mas até agora não apareceu nenhuma parte de corpo na porta de vocês, bom sinal.

SCULLY

E a Segunda parte?

DETETIVE MALLOY

Bem, eu e a Razzles vamos ao funeral do Rhea amanhã. Como você disse, o assassino pode ser ousado o suficiente para aparecer. Eu queria perguntar se devemos passar aqui para pegar vocês de manhã.

MULDER

Tudo bem, mas que tal irmos no meu carro?

DETETIVE MALLOY

Sem problema. Então até amanhã. Tenho que ir para casa, minha esposa espera.

MULDER

É? Eu tinha a impressão de que você e a Razzles eram...

Malloy pareceu confuso primeiro, mas depois entendeu.

DETETIVE MALLOY

O quê?! Somos parceiros. Por que desvalorizar isso com algo como sexo?

(MAIS)

Além disso, ela tem metade da
minha idade, então... Meu Deus.

Ele olha para Mulder e Scully como se eles fossem os palhaços
e depois vai embora fechando a porta firmemente ao sair.

CENA 9

EXT. TRAILER DE FRED COOGAN - NOITE

A câmera focaliza na janela externa do trailer de Coogan,
onde ele está sentado na cadeira, iluminado pela luz azul da
televisão e meio adormecido. De repente, algo pesado é
atirado na janela atrás dele, quebrando o vidro. Ele xinga
alto, vira a cadeira de rodas e se apoia nos braços para se
erguer mais e poder olha para fora pela janela.

A câmera CORTA para uma tomada do ponto de vista de Coogan.
Pelo vidro quebrado da janela, mal dá para ver a figura de
uma pessoa toda vestida de preto. O rosto está escondido por
uma máscara de porcelana assustadora. A máscara é aquela
clássica do teatro que representa a tragédia, com uma
expressão caída tipo de palhaço e olhos tristes.

FRED COOGAN

Está tentando me sacanear, hein?

Ele alcança a gaveta de uma mesa de canto, pega uma pistola e
olha de volta pela janela. A figura sumiu.

De repente vem um BARULHO alto do teto, seguido do som de
passos apressados, como se alguém estivesse correndo no teto
do trailer.

Coogan mira com a pistola e dá quatro tiros em seguida,
tentando acompanhar de onde vêm os passos. Fica silêncio por
um instante. Então, alguma coisa cai do teto no chão. Breves
flashes prateados de algum objeto desconhecido sendo jogado
no chão. Um instante depois, vem o som de vários ESTALOS e
uma fumaça multicolorida começa a encher o trailer.

FRED COOGAN

Bombas de fumaça? Tá de brincadeira.

Rapidamente, ele gira a cadeira em direção à porta em meio a
uma fumaça roxa, vermelha e verde. A pistola está no colo
dele enquanto ele se movimenta. Fred pega a chave do carro
no porta-chaves e abre a porta. Ele vai saindo quando de
repente...

Ele cai direto no chão. Na loucura, o assassino desmontou totalmente a rampa que levava até a porta. Fred cai com um grito alto e baque forte. Ele fica parado um tempo com dor, mas rapidamente volta a se mexer. Sem a arma à vista, Fred se arrasta desesperadamente em direção ao carro, que está a poucos metros. Ele abre a porta, se ergue até o banco do motorista, bate a porta e a tranca tentando recuperar o fôlego.

De repente, uma mão enluvada aparece fora de enquadramento batendo suavemente na janela do passageiro. A máscara sinistra do assassino entra em cena, e ele segura um par de chaves diante de Fred, balançando zombeteiramente. São as chaves do carro. Fred está preso.

Fred xinga de novo e olha em volta desesperado tentando encontrar algo que o ajude a se defender, mas pouco depois vem o baque surdo de algo prendendo em metal. Fred olha pelo retrovisor lateral e vê que o assassino prendeu algo preto e indefinido ao tanque de gasolina. O assassino se afasta e Fred se tranquiliza por um instante antes de notar uma luz vermelha piscando suavemente no objeto...

CORTA para uma TOMADA AMPLA do carro de Coogan sendo engolido por chamas...

A câmera CORTA brevemente para a VISÃO EXTERNA da janela de um trailer vizinho. A pessoa dentro olha para fora por um instante e depois fecha as cortinas.

A câmera se afasta lentamente do carro para o trailer de Coogan. A ponta da bandeira dos EUA pega fogo e começa a queimar.

FADE OUT.

FIM DO BLOCO DOIS

BLOCO TRÊS

FADE IN

CENA 9

INT. QUARTO DE HOTEL DE ESTRADA - MANHÃ

Mulder e Scully se movimentam pelo quarto, se vestindo e se preparando para o dia. A TV está ligada ao fundo, mas com o volume pouco audível. Algo na TV chama a atenção de Scully.

SCULLY

Mulder... o prefeito está fazendo um discurso.

Ela pega o controle e aumenta o volume, e Mulder vai olhar enquanto ajeita a gravata. O prefeito, GREGORY MOLEN, está diante de um pódio comum e de um grupo de cidadãos num debate na prefeitura.

PREFEITO MOLEN

Durante anos, esta cidade teve orgulho de ser receptiva com essas pessoas. Embora a maior parte dos artistas envolvidos com circos ou outro trabalho performático não convencional possam ter uma vida mais transitória e instável, a nossa cidade tem sido um lugar de estabilidade e paz para eles. Mas não é mais. Recebemos incontáveis relatos, no país todo, de palhaços nas ruas perseguindo nossos cidadãos nos próprios quintais deles. E para quê? Parece que esse fenômeno bizarro tem assolado todo o país, mas, na nossa vizinhança, estamos vendo comportamentos desse grupo que são mais anormais e perigosos do que nunca. Todo dia eu esperava ouvir a terrível notícia de que essa... brincadeira acabaria machucando ou matando alguém. E com muita dor no coração que eu digo que, em menos de 72 horas, dois homens foram assassinados.

Alguém na multidão se enraivece e grita: "Dois de nós foram assassinados!" Há uma breve confusão, mas os seguranças arrastam o dissidente para longe.

PREFEITO MOLEN

Sim, os dois homens tinham laços com o trabalho de palhaço ou de circo. Esse é exatamente o meu ponto. O meu pior medo era de que essas tensões se agravassem e que talvez um de nossos cidadãos mais trabalhadores sacasse uma arma para algum inocente palhaço de aniversário. Em vez disso, ontem à noite, Fred Coogan, um veterano de guerra e palhaço performático aposentado, foi morto na própria casa com um explosivo caseiro plantado por alguém que, segundo testemunhas, estava usando uma máscara de palhaço. Nós recebemos essas pessoas na nossa cidade por muito tempo, mas a que custo? Se essa comunidade não está a salvo nem mesmo de seus próprios semelhantes, o que vem a seguir?

Batem à porta e Scully abre. Razzles e Malloy entram e logo olham para a TV.

PREFEITO MOLEN

Onde será a próxima tragédia? Onde o próximo sangue será derramado? Num cinema, no dia em que estrear um filme de terror do momento e alguém perder cabeça? Ou talvez num mercadinho local, ou num pátio de escola? Eu quero que essa tensão e, mais importante, a violência, pare. Vou propor à câmara municipal um decreto que, se aprovado, tornaria ilegal usar publicamente qualquer maquiagem ou roupa de palhaço após as 19 horas. Infringir esse decreto acarretará numa multa mínima de US\$ 200. Espero que os cidadãos apoiem essa medida e que esse seja o início da nossa jornada de volta à tranquilidade.

Ele desce do pódio. A maior parte da multidão aplaude em meio a algumas vaias.

DETETIVE MALLOY

Ele sempre foi encantador.

MULDER

A polícia local precisa de um de nós no estacionamento de trailers para analisar a cena do crime. Aparentemente, o assassino nos deixou outra encomenda.

DETETIVE MALLOY

Sim, claro, vamos até lá.

MULDER

Na verdade, eu estava falando com a Scully...

Há uma breve tensão constrangedora.

DETETIVE MALLOY

Ah, sim... faz sentido, já que vocês são parceiros.

MULDER

Mas ele levantou uma questão, Scully. Um de nós tem que ir à cena do crime, mas também é preciso ir ao funeral do Rhea, caso algo surja.

DETETIVE MALLOY

Isso não é problema nenhum! Você e eu podemos ir ver a cena do crime, e você pode levar a Razzles para vigiarem o funeral.

Ele balança a cabeça com empolgação para Scully, que olha para Razzles sem entusiasmo. Razzles ri, faz uma bola grande de chiclete e estoura com o dedo.

RAZZLES

Sem problema. Eu gosto dela.

DETETIVE MALLOY

Então pronto. Vamos indo.

Os dois palhaços vão saindo seguidos por Mulder e Scully. Scully se inclina e cochicha no ouvido de Mulder:

SCULLY

Pegue a minha arma antes que eu a use em você e depois em mim mesma.

MULDER

Relaxe, Scully. Você vai encantá-la.

CENA 10

EXT. TRAILER DE FRED COOGAN - FINAL DA MANHÃ

Mulder passa de carro por um grupo de policiais na entrada do estacionamento de trailers. Os 15 manifestantes que estavam lá no dia anterior, hoje estão num grupo bem maior e irritados.

DETETIVE MALLOY

Meu Deus, isto está saindo de controle.

Mulder para o mais próximo possível do local da explosão, que foi isolado por fitas pela polícia. De um carro só sobrou metal contorcido e tinta preta. O trailer ao lado não está muito melhor, o fogo consumiu a maior parte da parede externa. O policial que estava no local do primeiro homicídio faz sinal para Mulder.

BEAT COP

Aqui, detetives. Acho que é isto aqui que vocês vão querer ver.

Mulder sussurra para Malloy:

MULDER

Ele disse *detetives*, você ouviu?

DETETIVE MALLOY

É, me sinto como o detetive num livro de Agatha Christie: "*Assassinato no Circo*".

A cadeira de rodas de Fred Coogan foi colocada de volta na posição vertical perto do canto dos fundos do trailer. Uma caixa de charutos está no assento da cadeira. Mulder pega um par de luvas de látex.

MULDER

Bem, não é preciso ser o detetive Poirot para adivinhar o que tem na caixa.

Ele levanta a tampa da caixa de charuto e se inclina com Malloy para ver dentro. Um movimento suave da câmera mostra o conteúdo da caixa: a Medalha Coração Púrpura de Coogan, uma flor com uma única grande pétala branca, um dedo decepado e, pela primeira vez, um bilhete. Mulder pega o bilhete e abre para ler: "Somos uma raça de artistas. O que faremos a respeito disso?"

DETETIVE MALLOY
Frase de Du Bois. A mulher, não o
marido.

Mulder confirma com a cabeça impressionado.

DETETIVE MALLOY
O que foi? Eu também li essas
merdas profundas na faculdade,
sabichão.

Mulder fala com o policial.

MULDER
O que pode me dizer sobre o dedo?

BEAT COP
Bem, ainda estamos esperando o
exame sanguíneo do segundo dedo,
então não temos certeza, mas a
perícia está confiante de que são
da mesma mão ou pelo menos da
mesma pessoa. O primeiro dedo
parece ser o dedo indicador, e
esse de hoje, o dedo médio.

DETETIVE MALLOY
Por que começar pelos outros
dedos e não pelo polegar?

MULDER
Bom, ou é o espírito de Roger
Ebert que veio do além para fazer
críticas de filmes, ou acho que
esses dedos são do próprio
assassino.

DETETIVE MALLOY
Por que o assassino faria isso
com ele mesmo?

MULDER
Isto aqui... é uma declaração. Um
convite ao desafio. O bilhete
declara o assassino como um
artista. O dedo é a contribuição
dele para sua arte. Esta cena de
crime é como se fosse a tela dele.

DETETIVE MALLOY
"Uma raça de artistas"... Ele é um
de nós. O assassino, seja quem for, é
um de nós, um palhaço,

(MAIS)

um animador, um artista de trapézio... Seja quem for, ele nos conhece.

Mulder nota uma pessoa fora de enquadramento. A câmera CORTA para uma tomada de um grupo de espectadores atrás da barreira policial com fita. Uma mulher voluptuosa, de meia-idade e visivelmente barbuda está gesticulando para Mulder ir até ela. Mulder se aproxima relutante, mas instigado. Malloy o segue.

MULHER BARBADA

Tenho algo para você, mas não vou falar.

MULDER

Isto acaba de ficar mais interessante.

MULHER BARBADA

Tá, escuta aqui, engraçadinho, eu fui do circo por vinte anos. Com barba ou sem, muitos caras me queriam. Por quê? Não sei, me diga você. Quando você é uma mulher de 22 anos que tem barba, viver a vida na estrada com um amante diferente a cada noite não é tão ruim assim.

MULDER

Mas?

MULHER BARBADA

Mas... alguns caras pegam um pouco pesado. Alguns até deixam uma cicatriz ou outra. E alguns não são quem dizem ser.

Ela entrega um envelope para Mulder e vai embora. Mulder o abre e olha dentro.

MULDER

Acho que precisamos ir ao funeral.

CENA 11

O carro de Scully e Razzles para na frente da casa funerária, onde os primeiros sinais do anoitecer estão começando a aparecer no horizonte. Cerca de uma dúzia de palhaços de vários tipos (incluindo um de pernas de pau), estão do lado de fora da casa funerária fazendo uma vigília à luz de velas. As duas descem do carro e entram na casa.

INT. CASA FUNERÁRIA - FINAL DA TARDE

Scully e Razzles entram no cômodo principal do salão funerário. O caixão está fechado e na frente de um cômodo com poucas pessoas. A mãe de Rhea está sentada perto da entrada, chorando com as mãos no rosto. Scully e Razzles se aproximam.

O caixão está repleto de fotos de Rhea quando menino, na graduação da escola e até algumas fotos de quando ele era o Palhaço Culotes.

Ao chegar até a mãe chorosa, Scully estende a mão e se apresenta gentilmente.

SCULLY

Sra. Rhea, sou Dana Scully. Sou do FBI. Fui designada para descobrir quem fez isso com o seu filho.

A sra. Rhea se levanta, ainda chorando copiosamente. Razzles pega um lenço do bolso da calça. Claro que ele está amarrado a outro lenço, e a mais outro, e mais outro. Ela puxa rapidamente o conjunto incontável de lenços e dá uma ponta para a mãe secar os olhos. A sra. Rhea agradece e assoa o nariz.

SRA. RHEA

Obrigada, sra. Scully e ...

Para a surpresa de Scully, Razzles estende a mão afetuosamente e toma a mão da senhora na dela.

RAZZLES

Meu nome é Julia.

SRA. RHEA

Obrigada às duas. E agradeça ao seu parceiro, Julia. Se não fosse o Stanley, não sei se algum dia eu descobriria o que aconteceu com o Franklin.

SCULLY

Vocês não mantinham contato?

SRA. RHEA

Há anos. Não por culpa minha ou do Franklin. O pai dele... Bem, ele nunca conseguiu aceitá-lo. Só Deus sabe quantas crianças no nosso país seguem por um caminho sem nunca terem sido amadas.

Um pequeno alarde surge na entrada, um som de tumulto e gritos vindos do lado de fora. O prefeito Molen entra, elegantemente vestindo um terno azul-escuro. Ele se dirige à sra. Rhea e a puxa num abraço dolorosamente forçado.

PREFEITO MOLEN

Sra. Rhea, lamento muito nos conhecermos desta forma. O seu filho parecia ser um jovem muito simpático. Mas estamos vivendo um momento conturbado. Nem preciso dizer isso, a senhora está sentindo muito mais do que nós. Minha querida, se precisar de qualquer coisa mesmo enquanto estiver na cidade, é só ligar para este número que meus assistentes vão mover céus e terra pela senhora, ok?

Mal ela consegue responder, e ele entrega a ela um cartão. Os assistentes se aproximam e tomam o lugar dele, consolando a mulher astuciosamente, sem ter a intenção. Molen volta sua atenção brevemente para Razzles antes de seus olhos pousarem em Scully.

PREFEITO MOLEN

Você deve ser a agente Scully, que veio lá da capital do nosso país.

Ele aperta a mão dela com firmeza. Scully começa a responder quando seu olhar é atraído para alguma coisa que não está à vista em tela. Ela tenta se recuperar:

SCULLY

Sim... Sim, sou eu.

A câmera focaliza por trás de Scully e no tronco de Molen, onde uma flor de grandes pétalas brancas está presa à lapela dele. Scully tenta esconder o nervosismo.

PREFEITO MOLEN

E o seu parceiro?

SCULLY

Ele ainda está no local do crime de ontem à noite. Que flor linda. Foi sua mulher quem escolheu?

PREFEITO MOLEN

Um de meus assistentes, na verdade. Espero que peguem quem está fazendo isso. Deus sabe que a minha cidade está precisando de uma limpeza geral.

Ele toca levemente no ombro dela e vai embora, com os assistentes o seguindo. Um instante depois, o telefone de Scully toca e ela atende. É Mulder.

MULDER

Me encontre no hotel, Scully.
Acho que nós dois vamos ter que
fazer uma boa e velha vigilância.

FADE OUT

FIM DO BLOCO TRÊS

BLOCO QUATRO

CENA 12

INT. QUARTO DE HOTEL DE ESTRADA - NOITE

A noite caiu lá fora. Mulder, Scully, Malloy e Razzles estão sentados ao redor da única mesa no quarto do hotel.

SCULLY

Era exatamente a mesma flor,
Mulder. Tenho certeza.

RAZZLES

Ela tem razão.

Scully e Razzles trocam um olhar relutante de apreciação.

MULDER

Não precisa me convencer do seu palpite, Scully. Uma senhora bem barbada me deu isto aqui hoje. É algo que incrimina muito o nosso suspeito. Se ele não for um assassino, com certeza é um monstro.

Ele põe o envelope na mesa e o empurra para Scully e Razzles. Malloy põe a mão suavemente em cima do envelope antes que elas peguem. A câmera CORTA para uma TOMADA EM CLOSE de Malloy. Os olhos dele estão um pouco marejados por trás dos óculos. Ele respira fundo.

DETETIVE MALLOY

Só quero dizer a você, Scully,
e... principalmente a você,
Julia...

Razzles olha para ele preocupada por ele a ter chamado pelo nome verdadeiro. Continuar o que tem a dizer é difícil para ele.

DETETIVE MALLOY (Continuação)

Eu estava presente na época do auge do circo Big Top. Aconteceram muitas coisas que não deveriam ter acontecido. E a história continuou a mesma; a maioria das garotas nunca falou e... nenhum dos caras também nunca falou. Nunca falamos sobre as coisas que aconteciam nos bastidores. E não tenho orgulho disso. Espero que tenha um cara em algum lugar sendo assombrado pelo que tem nesse envelope. E eu queria poder dizer a você, Razzles,

(MAIS)

que as coisas estão melhores
agora... mas... me diz você.

Ele põe a mão no queixo, os olhos contendo lágrimas de dor. Scully abre o envelope lentamente e tira uma foto Polaroid antiga de um palhaço com o braço em volta de uma moça barbada.

SCULLY

Este é...

MULDER

O prefeito Molen, isso mesmo. Um palhaço inveterado, dentre outras coisas...

Scully tira outra Polaroid do envelope, outra foto da mulher barbada, só que nessa ela está coberta com um lençol até o peito e uma perna nua para fora. É o tipo de foto picante que uma mulher poderia mandar para a pessoa com quem se relaciona.

Scully tira outra Polaroid que não é mostrada. Ela respira rápido, e Razzles, tensionando a mandíbula, mal faz contato visual.

Outra Polaroid e mais outra que não são mostradas, mas dá para perceber que o que estão vendo só piora. Scully então põe o envelope vazio na mesa cobrindo parcialmente uma foto que mostra os ombros nus de uma mulher de costas, com hematomas e cobertos por marcas profundas de unhas.

SCULLY

Temos que ficar de olho na casa dele o mais rápido possível, antes que ele possa machucar mais alguém.

MULDER

Certo, vamos indo. Vocês dois fiquem aqui ou no escritório, podemos precisar de vocês. E pode ficar perigoso.

Mulder e Scully estão se dirigindo à porta quando Malloy sai de repente de seu estupor de arrependimento.

DETETIVE MALLOY

Ah, tá bom! Não! *Isto aqui* é uma parceria. Chegamos aqui juntos. E, sem querer ofender os dois, essa luta não é de vocês. Nós vamos vigiá-lo até pegarmos o desgraçado! É perigoso? Não me interessa se voarem balas, porque eu sou o *detetive Stanley Malloy*, porra, e este caso é *meu!*

(MAIS)

Vamos nos revezar, e eu serei o primeiro, *capiche?*
 (pausa)
 Razzles, comigo.

Ele veste o casaco e sai, com Razzles o seguindo com um senso de dever.

MULDER
 Acho que não somos a atração principal desta vez, Scully.

CENA 13

EXT. CASA DO PREFEITO MOLEN - NOITE

A casa do prefeito Molen é extravagante, quase uma mansão. Ela fica numa pequena colina com vista para a cidade. Um belo portão de pedras bloqueia o jardim e uma pequena área arborizada nas laterais. O carro de Malloy está estacionado numa rua lateral perpendicular à casa para que ele fique diretamente de frente para a mansão. Ele suspira e seu olhar triste recai sobre o relógio do carro: 3h13 da manhã.

Malloy olha para Razzles, que está adormecida no banco do passageiro. Ele murmura para si mesmo.

DETETIVE MALLOY (para si mesmo)
 Você saiu daquele quarto com sangue nos olhos, e agora veja o que tem para mostrar.

O celular dele toca, e ele atende. É Scully. Apenas a voz dela é ouvida.

SCULLY (OFF)
 Viu alguma coisa? Algum carro entrou ou saiu?

DETETIVE MALLOY
 Não, nada. Vimos o carro dele passando pelo portão e entrando na garagem por volta de 21h15. Até o vimos na janela, provavelmente checando se o estamos observando.

SCULLY (OFF)
 E a Julia, ela viu alguma coisa?

DETETIVE MALLOY

Não, ela está apagada feito luz.
Babando no banco aqui do meu lado.
Acho que vou levá-la para casa e
depois talvez para o escritório.
Tenho a sensação de que algo está
errado. Talvez se eu engolir
alguns cafés pretos algo me
ocorra.

SCULLY (OFF)

É bom, faça isso. O Mulder e eu
vamos para aí assumir o posto de
você. Só uma coisa, Malloy.

DETETIVE MALLOY

Sim?

SCULLY (OFF)

Assim que você entrar no
escritório, escaneie todas as
fotos naquele envelope e envie
cópias para cada jornal da cidade.
Mesmo que isso divida ainda mais a
cidade, as pessoas precisam saber
o que ele fez.

Malloy fica nervoso por um momento. Enviar essas fotos só
revela ainda mais os tipos de pecados passados que ele
tentou enterrar. Ele demora um instante procurando lá no
fundo de si mesmo um pouco de coragem.

DETETIVE MALLOY

É claro, Scully.

Ele liga o carro, faz a volta e vai embora.

CENA 14

EXT. CASA DO PREFEITO MOLEN - AMANHECER

A câmera CORTA para um close do relógio do carro de Mulder e
Scully: 5h47 da manhã. Mulder acorda de seu sono.

MULDER

Alguma coisa?

SCULLY

Não. É tarde demais. Já estão
acendendo as luzes da casa. Eu vi
a faxineira pela janela fazendo a
limpeza. O sol está nascendo, em
pouco tempo ele vai acordar e se
arrumar para o trabalho.

MULDER

E aposto que ele dormiu como um...

Um grito de gelar o sangue vem da casa, interrompendo Mulder.

MULDER

...bebê.

Os dois saem do carro imediatamente com as armas sacadas e apontadas para baixo, e atravessam a rua correndo em direção à casa. Mulder ajuda Scully a pular o muro de tijolos e depois pula também.

Eles correm pela rua em direção à porta da frente, flanqueando lados diferentes. Mulder está prestes a arrombar a porta da frente quando a empregada sai correndo pela porta e cai na grama do jardim soluçando e com sangue nas mãos. Ela cai nos braços de Mulder, que tenta acalmá-la antes de continuar a perseguição alguns segundos atrás de Scully.

Scully sobe a escada correndo com a arma ainda abaixada e olha por cada porta aberta no corredor do segundo andar. Uma grande porta lá no fim está aberta, provavelmente a do quarto principal. Scully passa pela porta apontando a arma para a esquerda e para a direita verificando se o local está vazio.

Ela vai até a cama onde está o prefeito Molen, deitado com a cabeça no travesseiro e as cobertas até o pescoço. Scully as levanta levemente até o peito dele e vê que a cabeça foi totalmente degolada. O sangue está encharcando os lençóis brancos da cama.

SCULLY

Meu Deus.

Scully se vira com nojo e Mulder entra no quarto. Ele verifica os danos rapidamente e nota um pequeno pacote embrulhado para presente na mesa de cabeceira, outra vez com um laço. Mulder abre e vê um terceiro dedo. A câmera FOCALIZA no dedo decepado, que tem uma tatuagem de um anel azul ao redor perto da base, quase como uma aliança de casamento. E desta vez o sangue está fresco.

CENA 15

INT. ESCRITÓRIO DE MALLOY - NOITE

Malloy está de pé diante de uma máquina de xerox tirando cópias das fotos. Os flashes de luz do aparelho passam pelo rosto dele iluminando-o. Ele está bebendo um café fumegante numa caneca enorme. O telefone toca, e ele atende. Ouvimos uma voz fraca pelo telefone, mas não dá para entender o que é dito. Só ouvimos o barulhinho da máquina e Malloy falando, supostamente com Mulder.

DETETIVE MALLOY

Mulder, ainda bem que você ligou. Sabe o que está me encasquetando? O prefeito é tenebroso, claro, mas todos os abusos de que temos prova foram contra mulheres. Parece que não se encaixa. Não traço perfis comportamentais como você disse que faz, mas todas as vítimas agora são homens...

A voz do outro lado da linha fica mais alta, mais enfática. Ao fundo, a porta do escritório abre. A figura encapuzada e toda de preto entra silenciosamente em direção a Malloy.

DETETIVE MALLOY (Continuação)

Meu Deus. Deixaram outro dedo? Espere, repita o que disse sobre a tatuagem. É uma aliança azul? Tem certeza?

A figura chega até ele e enfia uma lâmina na lateral de seu corpo. Malloy grita de dor e se vira para ver o agressor.

DETETIVE MALLOY

Meu Deus, se você vai esfaquear alguém, pelo menos seja homem e tire a máscara.

A figura tira a máscara teatral, revelando que é Razzles quem está por trás. Malloy solta uma risada infeliz e exausta, repleta de tristeza.

DETETIVE MALLOY

Qual foi, garota? Eu sempre soube que você projetava traumas paternais em mim, mas quando isso passou de uma necessidade de fazer terapia para tentar me matar?

RAZZLES

Você me decepcionou quando abandonou a atuação, velho.

(MAIS)

Quando abriu a sua agenciuzinha de detetive. Já bastava eu ter tido que sofrer por lixos como Franklin Rhea inundado a minha cidade ano após ano. E fanfarrões imbecis como o Coogan fazendo choradeira sobre guerra usando nossas máscaras, a nossa pintura de guerra.

DETETIVE MALLOY

Garota, sei que foi difícil para você. Sei que atuar como palhaço te deixou muito, muito feliz, e depois ninguém mais ligava para essa arte. Mas, veja bem, esta agência foi uma saída, um novo trabalho, um novo modo de vida! Você tem que encarar os fatos: nós ainda podemos usar a maquiagem, somos apenas Stan e Julia agora.

Razzles tira as luvas. A mão esquerda dela está sem três dedos. Gentilmente, ela afasta uma mecha de cabelo de Malloy da testa para trás da orelha dele.

RAZZLES

Você parou de se importar com a atuação. Você não fala com a Julia desde que ela era criança e se espelhava em você.

DETETIVE MALLOY

Eu queria acreditar em você, mas eu sei quando estou olhando nos olhos da Julia, e eu a olhei nos olhos ontem à noite mesmo.

Ela o esfaqueia de novo, com mais força, entre as costelas.

RAZZLES

Você nunca foi melhor do que qualquer um daqueles caras que eu despedacei nas últimas noites. Você realmente transformou a arte num circo. Talvez você tenha desejado ser um bom detetive, um bom marido e tal, mas vamos combinar, velho, que você é só um maldito palhaço.

DETETIVE MALLOY

E quero que você saiba que a sua atuação como palhaço foi o trabalho mais primoroso que eu já vi.

Malloy de repente levanta o braço direito contra o peito dela. Uma pistola em miniatura sai da manga dele e cai em sua mão. Ele puxa o gatilho três vezes, fazendo Razzles cair para trás contra a enorme mesa do escritório. Um momento passa. Os olhos dela parecem enfraquecer e minguar.

A câmera AFASTA para uma tomada aberta da carnificina: Malloy sentado encostado na copiadora, ensanguentado e sem fôlego. Ele murmura para si mesmo, como costuma fazer.

DETETIVE MALLOY

Mas que espetáculo!

CENA 16

INT. QUARTO DE HOSPITAL - DIA

Mulder e Scully entram num quarto de hospital. Lá está Malloy, sentado na cama e aparentando estar exausto. A equipe do hospital retirou a maquiagem de palhaço dele, ficando apenas um homem desleixado e de cavanhaque. Uma mulher bonita, mas totalmente comum, está de pé ao lado da cama dele.

DETETIVE MALLOY

Olhem, os Supergêmeos! Relaxa, pessoal, eu solucionei o caso pra gente. Exigiu um pouco mais de mim do que eu esperava, mas problema resolvido.

A mulher ao lado da cama pede licença, seus olhos estão lacrimejando. Malloy a observa saindo do quarto solenemente.

DETETIVE MALLOY

É a minha mulher, a Laura. Está muito difícil para ela aceitar tudo isso. Não só por eu ter sido esfaqueado duas vezes e quase ter perdido um pulmão, mas é que... ela conhecia a Julia desde criança. A Laura ia a todos os nossos shows. Ela não sobreviveu, certo?

Claro que ele está falando de Razzles, sua ex-parceira e amiga. Mulder faz que não com a cabeça.

MULDER

Não.

DETETIVE MALLOY

Bem, pelo menos ela está em paz. Não é o que dizem?

Malloy parece estar contendo as Lágrimas. Scully se inclina para Mulder e pede que ele dê a ela um momento com Stanley. Ele não entende o motivo, mas concorda, aceitando que ela precisa disso. Ele sai. Scully se aproxima e pega a mão de Malloy.

SCULLY

Alguém a machucou. E você achava que ajudá-la redimiria você de qualquer coisa terrível que tenha tolerado no passado.

Malloy concorda.

DETETIVE MALLOY

Foi um namorado. Eles ficaram noivos assim que se formaram no ensino médio. Ela tatuou a aliança de noivado no dedo. Eles foram morar juntos, e no mesmo dia ele...

Malloy para, sem poder continuar com os detalhes.

DETETIVE MALLOY (continuação)

É óbvio que ela passou a usar uma luva na mão do anel todos os dias depois disso. Até o momento em que cortou o próprio dedo.

SCULLY

Você ainda vai mandar as fotos para os jornais?

DETETIVE MALLOY

Eu... não sei. As pessoas *deveriam* saber. Mas não dá para ajudar nem prejudicar os mortos. Esta cidade já tem problemas suficientes, não sei que bem isso fará.

SCULLY

Causará escândalo... e dor. Mas você deveria mandá-las mesmo assim. Talvez faça algum bem para a próxima garota como a Julia.

Scully dá um beijo suave na testa de Malloy, se vira e sai do quarto.

CENA 17 - Montagem contínua

Uma breve montagem vai encerrando a história, com a música de Josh Ritter "When Will I Be Changed" tocando. Malloy aparece no hospital com a esposa, Laura, deitada ao seu lado.

Mulder e Scully estão sentados lado a lado num avião, com Scully dormindo com a cabeça no ombro de Mulder. Ele assiste a alguma coisa num tablet, sorrindo levemente pela excentricidade daquilo. Um corte de câmera revela que ele está vendo Charlie Chaplin, como Carlitos, na cena de patins em "Tempos Modernos".

Algum tempo passa, e Stanley já aparece curado o suficiente para andar sozinho até uma caixa de correio. Ele anda com uma bengala, por enquanto, e não está vestido como palhaço ou como detetive, aparenta um homem comum. Ele carrega uma pilha de envelopes debaixo do braço, a joga dentro da caixa de correio, fecha com força e vai embora mancando, sem olhar para trás.

Por último, corta para Scully deitada numa maca fazendo uma ultrassonografia. Ela segura a mão de Mulder e a aperta ao ver a imagem mais recente do bebê deles aparecer na tela.

A técnica pede licença e sai da sala, deixando Mulder e Scully olhando as fotos impressas. As fotos do ultrassom contrastam com as terríveis Polaroids da investigação. Os dois sorriem sem palavras.

Mulder olha para Scully, ela olha para ele, e os dois ficam assim por um instante. Ele encosta a testa na dela e aperta sua mão com mais força.

Palavras não são necessárias nesse momento. A vida não é só uma farsa, como eles temiam, é muito mais.

A música termina e a tela escurece.

FADE OUT

FIM DO BLOCO QUATRO

FIM